

PIETRO INGRAO

A resistência coerente

A crise do comunismo assume de forma particularmente aguda na Itália. Exatamente porque o Partido Comunista Italiano vinha seguindo há muitos anos uma linha independente afastada do modelo clássico moscovita parecia que ele não seria tão atingido pela febre das revisões que se difundiu no Leste europeu. No entanto, os ventos da mudança estão soprando com força no PCI e sacudindo vigorosamente o "maior partido comunista do Ocidente". No último congresso este mês, os comunistas italianos - capitaneados pelo secretário-geral Achille Occhetto - tomaram a drástica decisão de mudar o nome da agremiação a que pertencem. Houve, é claro, muita discussão. Os que preconizam a mudança de nome venceram por uma maioria expressiva de dois terços dos delegados. Na resistência à alteração proposta, entretanto, não ficaram apenas velhos militantes apegados à tradição nostálgicos das glórias antigas: apareceram também comunistas que têm estado à frente dos movimentos inovadores realizados dentro do partido e que se declaram insatisfeitos, não com a mudança em si, mas com o modo pelo qual a mudança está sendo conduzida. Entre eles, eu destacaria uma figura pela qual tenho antiga admiração: Pietro Ingrao.

Leandro Konder

"O pluralismo é a garantia que damos não só aos outros, mas a nós mesmos, à nossa liberdade"
Pietro Ingrao

lhese para aparecer como personagem central esse veterano lutador, jornalista, que durante dez anos foi diretor do "L'Unità", advogado, poeta, estudioso de problemas filosóficos, que se elegeu deputado em 1948 e chegou a exercer a Presidência da Câmara dos Deputados em 1976. Pietro Ingrao é membro do comitê central do PCI desde 1951 e, na direção da agremiação, nunca deixou de formular críticas contundentes, defendendo uma linha de pensamento e ação rigorosamente coerente, que o levou com frequência a comprar brigas indigestas. Por um lado, no plano teórico, ele foi o principal defensor de concepções organizativas radicalmente democráticas, que se distanciavam do modelo organizativo leninista; por outro lado, contudo, esse crítico do leninismo, esse "revisionista", representava dentro da direção do PCI uma linha que, pela radicalidade de suas propostas programáticas, se situava nitidamente à esquerda da linha adotada pela maioria dos integrantes do comitê central. É interessante observarmos, no entanto, que apesar de suas divergências (francamente assumidas em relação às posições "moderadas" e "conciliadoras" de dirigentes de imenso peso e influência na cúpula do PCI (como Amendola, Napolitano, Pajetta, Luciano Lama e outros), Pietro Ingrao sempre mereceu da parte deles não só um enorme respeito como um reiterado apreço pessoal.

O pensamento de Ingrao está exposto numa coletânea de ensaios publicada em 1980 pela editora Civilização Brasileira em tradução de Luiz Mário Gazzaneo: "As massas e o poder". Nesse livro, Ingrao dava um passo adiante de seu mestre e inspirador Antonio Gramsci e explicava aos comunistas italianos que o pluralismo era necessário para o PCI e para os trabalhadores da Itália (e, portanto, não era uma concessão feita ao capitalismo e à burguesia). O pluralismo - dizia ele - "é a garantia que damos não só aos outros mas a nós mesmos à nossa liberdade". Os comunistas não deviam escamotear as contradições da realidade; deviam trabalhar em condições que os obrigassem a romper com

seus próprios esquemas simplificados e a conviver com a complexidade dos movimentos históricos. Não basta ampliar a participação, advertiu Ingrao: é preciso que todos aprendam a participar com maior inteligência das ações transformadoras; é preciso que uns estimulem e controlem os outros que as diferenças atuem como fermento na realização de um processo global. "Para não refluir as posições corporativas" - sustentava o nosso autor - "a democracia de base precisa contar com interlocutores capazes de influenciar o processo democrático e dispostos a ser controlados por ele".

Tais idéias estão retomadas e são aprofundadas numa longa entrevista concedida a Romano Ledda, traduzida por Carlos Nelson Coutinho e publicada em forma de livro pela Livraria Editora Ciências Humanas, em 1981. Ingrao insiste na grandeza e ao mesmo tempo nas dificuldades de um processo de luta pela democratização da sociedade. E denuncia o aumento das pressões que se exercem nas sociedades atuais pela "corporativização", pela "fragmentação corporativa" da vida. Para ele o nosso tempo está induzindo os ativistas políticos de todos os partidos a atuarem como "corretores" como intermediários de negócios e acordos pragmáticos em nome de uma "modernidade" falsamente compreendida. "Vejo uma grande, grave tentação de enfrentar a crise através de uma ulterior corporativização da vida do país fragmentando e segmentando cada vez mais o impulso das pessoas de acordo com grupos de interesses os mais variados, frequentemente os mais contraditórios, ampliando certamente o círculo de mediadores entre esses segmentos de interesses mas propondo a política e o Estado como arte da corretagem" ("Crise e terceira via").

Posteriormente Ingrao voltou à carga, num livro que infelizmente ainda não foi traduzido, intitulado "Tradizione e progetto" (Tradição e Projeto), lançado em 1982 pela editora De Donato. Propôs "uma reforma do movimento operário de seus modos de se organizar e de agir". Advertiu seus companheiros "de qualquer maneira, o novo virá; mas a questão é qual novo". "O indivíduo atual superou antigos tabus conseguiu sair de idiotismos locais viu crescer o tempo de estudo e a matéria dos conhecimentos. O desenvol-

vimento das ciências e da técnica, a socialização inaudita de processos produtivos e de momentos da reprodução social, o crescimento da mobilidade tudo isso abriu possibilidades que até ontem eram impensáveis. Mas exatamente a relação (ou a dificuldade da relação) entre esses processos e o indivíduo considerado em si mesmo está criando dramas modernos, está determinando um campo de tensões que não podia ser previsto no passado e que está pondo de uma forma muito mais complexa o problema da criatividade individual. Em substância: a questão da identidade do indivíduo da sua liberdade possível".

Ingrao se empenhava num combate incessante para que o seu partido - o PCI - se renovasse e pudesse enfrentar o desafio de encaminhar nas novas condições a transformação socialista da sociedade no espírito de um democratismo radical, que não se contentasse com o melhoramento dos gostos mas encaminhasse de fato o fim de todos os gostos. "Devemos compreender o quanto resulta de empobrecimento para todos nos procedimentos de separação, de segregação, de repressão e condenação do que é diferente. Entre o modelo envelhecido da Internacional Comunista e a proposta "amolecida" da social-democracia ele fazia questão de procurar uma "terceira via", um caminho alternativo.

Foi perseguindo esse caminho e andando sempre nessa direção que Ingrao chegou ao congresso que o PCI realizou em Bolonha no começo do corrente mês. Ele vai completar no próximo dia 30 75 anos de idade (nasceu em Lenola, em 30 de março de 1915). Já teve um infarto e já sobreviveu a muitas brigas. Ouvir, com perfeita paciência, a longa exposição feita pelo secretário-geral Achille Occhetto, encaminhando a proposta de mudança de nome do partido, numa tentativa meio desesperada de tirá-lo de seu exaurimento. Com sua rica experiência da vida partidária, Ingrao sabia que a proposta ia ser vitoriosa, que ela contava com o apoio da maioria dos delegados. Mesmo assim, insistiu em falar.

O jornalista Araújo Netto, correspondente do "Jornal do Brasil", descreveu com emoção a cena: "o velho Ingrao dominou completamente uma plateia de mais de 4.000 pessoas. Fez-

se ouvir atentamente. Emocionou, empolgou e fez chorar jovens e velhos militantes, dirigentes e simples simpatizantes do partido tido como exaurido e superado por seu próprio grupo dirigente. Depois de 15 minutos ininterruptos de aplausos, quando desceu da tribuna, o público continuou gritando o nome do grande velho". Depois, cantaram "Bandiera Rossa".

Talvez houvesse alguma nostalgia em pessoas que aclamavam Ingrao; talvez alguns setores do público presente sentissem um pouco de medo do futuro e receassem transformações necessárias. Manter a tradição pode ser uma forma de preservar a segurança psicológica. Mas ninguém em sã consciência poderia achar que Pietro Ingrao se opunha à mudança encaminhada por Occhetto por alguma espécie de timidez conservadora ou por alguma manifestação de saudosismo de fixação no passado. Em seu discurso Ingrao reiterou sua convicção de que há muitas formas de se ser comunista e, se algumas estavam inteiramente desacreditadas, isso não significava que os comunistas italianos deveriam sentir tanta vergonha de seu partido a ponto de fazê-los mudar de nome e tentar misturá-lo artificialmente com outras correntes, a fim de lhe mascarar a identidade. Ao contrário: seguindo ele o PCI deveria, mais do que nunca, assumir sua identidade como uma agremiação que no passado soube se transformar, se atualizar e se renovar na busca incansável de uma democratização efetiva da sociedade. E deveria empreender uma auto-renovação ainda mais energética do que as anteriores.

No final do congresso os delegados votaram. Como era esperado, a proposta de Occhetto ganhou apesar dos calorosos aplausos dados a Ingrao. O plenário aguardou ansioso a reação do derrotado. Será que ele protestaria? Será que ele se disporia a instaurar uma dissidência, a fundar um novo partido? Ou talvez, indeciso, perplexo trataria de se retirar rapidamente do recinto saindo à francesa, para decidir mais tarde qual seria a sua reação?

Não aconteceu nada disso: Ingrao com a serena grandeza que todos lhe reconhecem, com o desprendimento e a desambição que o caracterizam levantou-se de sua cadeira e foi abraçar Occhetto.

